



**A MULHER VIAJANTE:  
ROSE DE FREYCINET NA CORTE PORTUGUESA DOS TRÓPICOS**

Alessandra Fontes Carvalho da Rocha(UFRJ)<sup>1</sup>  
Washington Kuklinski Pereira (FEMAR/SME-RJ)<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir da leitura do diário da viajante francesa, este trabalho tem como objetivo analisar a perspectiva da mulher viajante sobre hábitos dos membros da corte de D. João VI no Rio de Janeiro, em especial o cotidiano das mulheres na capital portuguesa dos Trópicos, além de suas descrições sobre a geografia local. Ao propormos a análise da vivência de uma mulher francesa no Rio de Janeiro nos últimos anos que precederam a independência do Brasil, escovamos a história à contrapelo, assim como também menciona Benjamin, evidenciando o olhar feminino sobre as relações sociais nos trópicos oitocentista.

**Palavras-chave:** Corte Portuguesa, mulher viajante, relato de viagem, Rio de Janeiro.

“Verde ou azul, liso como um espelho ou ondulado pelo vento, morno ou gelado, calmo ou catastrófico, o mar, aos olhos dos marinheiros, nunca é o amigo fiel, confiável, ele é estranho ao homem, instável ou, no melhor dos casos, indiferente, mas pode ser o Mar Tenebroso, superfície que dissimula infernos insondáveis, ameaça jamais afastada de suplícios da fome, da sede e de morte lenta... Os portos dos marinheiros são, raras vezes, traços de união entre a terra e o mar, muito freqüentemente são cidadelas terrestres opostas ao mar.” (FÔEX, 1964, p.11)


Na cidade de Saint-Julien-du-Sault, em 29 de setembro de 1794, nasceu Rose Pinon. Era a filha mais velha de Jeanne Pinon<sup>3</sup>, diretora de um internato parisiense para moças. Em 1814, aos 20 anos, Rose se casou com o aristocrata, comandante da marinha francesa, Louis Claude de Saulces de Freycinet, que na ocasião tinha 35 anos. Em 1817, o comandante Freycinet recebera a missão de comandar o navio *L’Uranie* em uma expedição científica ao redor do mundo.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos de Literatura; professora de Didática e Prática de Ensino Português – Literaturas; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro; Rio de Janeiro; Brasil; contato: [profa.alessandra.fontes@gmail.com](mailto:profa.alessandra.fontes@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor da Fundação de Estudos do Mar; Professor da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, atuando nas escolas Frei Gaspar e Comunidade Vargem Grande; Contato: [prof.washington.kuklinski@gmail.com](mailto:prof.washington.kuklinski@gmail.com)

<sup>3</sup> Não se sabe ao certo o primeiro nome de seu pai, que morreria quando Rose ainda era muito jovem.



Mesmo que estejamos falando de uma viagem realizada no século XIX, essas grandes e longas navegações ainda guardavam o imaginário coletivo em relação ao oceano, ao desconhecido e aos desafios enfrentados por vários outros viajantes anteriores que relatavam, em seus escritos, as dificuldades encontradas ao se lançarem ao mar. É assim que, por exemplo, os monstros do mar ganharam vida ao longo dos séculos.

Ainda que estejamos a falar de elementos que envolvem o fictício e o imaginário do mundo da navegação, não podemos negar que, na dúvida da existência ou não desses seres e do que mais a tripulação poderia encontrar em alto-mar, seria mais fácil tomar todos os cuidados necessários para que a viagem fosse um sucesso. Assim, surgem os elementos de superstição como forma de espantar os maus presságios e qualquer tipo de problema durante as viagens. Afinal, retomando parte da epígrafe deste trabalho, segundo Föex,

“[...] o mar, aos olhos dos marinheiros, nunca é o amigo fiel, confiável, ele é estranho ao homem, instável ou, no melhor dos casos, indiferente, mas pode ser o Mar Tenebroso, superfície que dissimula infernos insondáveis, ameaça jamais afastada de suplícios da fome, da sede e de morte lenta... [...]” (FÖEX, 1964, p.11)


É a partir de todo esse imaginário que podemos destacar algumas das formas encontradas pelos comandantes, a fim de se prepararem para a missão que recebera. A partir das superstições marinheiras, para que a viagem do *L'Uranie* e qualquer outra desse certo, o comandante precisava dar conta de algumas superstições típicas dos marinheiros europeus.

A primeira e a mais simples superstição era a de que o navio deveria ser batizado uma única vez, isso porque sem o batismo<sup>4</sup> o navio seria um grande azar flutuante. Além disso, precisava ter como “benfeitora” da embarcação uma mulher. Para efetuar o ritual batismal, ela precisava quebrar uma garrafa de vinho ou champanhe no casco do navio com apenas um golpe.

Após tomar conhecimento do rito batismal, o comandante precisava verificar o calendário para planejar sua viagem. Tinha que evitar suspender a embarcação dos

---

<sup>4</sup> É interessante destacar que o navio não deveria ser rebatizado.



portos às sextas-feiras, que eram dias considerados de azar pela marujada. Antes de erguer as velas, era comum que se colocasse em baixo do mastro principal do navio uma moeda. Isso porque se acreditava que, no caso de um acidente fatal, a moeda era uma forma de pagar pela travessia das almas pelo rio Aqueronte feita por Cáron<sup>5</sup>.

Com a moeda em baixo do mastro, era também muito comum que a tripulação verificasse se todos os ratos estavam a bordo, pois, quando esses saíam em debandada, era sinal de mau presságio. Outras superstições, como nunca desejar boa sorte ou nunca dizer a palavra “coelho”<sup>6</sup> em uma embarcação, eram atitudes que não demandavam esforços dos comandantes e, talvez, do próprio Freycinet, pois a tripulação tomava os cuidados necessários.

O último item a ser verificado pelo comandante era se não havia mulheres em sua tripulação, pois muitos consideravam que a presença de uma mulher entre seus membros trazia azar para o navio. Ainda sobre a presença e o trabalho de mulheres nas navegações, destacamos que elas também foram proibidas de trabalhar nas embarcações francesas até o século XX.

Em contraponto a essa perspectiva, não podemos afirmar que Louis Claude de Saulces de Freycinet tentou introduzir a prática dos comandantes levarem as suas esposas entre os franceses, mas Rose de Saulces de Freycinet navegou ao redor do mundo entre 1817 e 1820 na companhia de seu marido, a bordo da embarcação *L’Uranie*.


Madame Freycinet embarcou na aventura como um marujo de presença importante para a realização da empreitada, segundo o próprio Louis Claude de Saulces de Freycinet. Mesmo não tendo sido a primeira mulher a dar a volta ao mundo (esse título é de Jeanne Barret<sup>7</sup>), sua presença na embarcação e na viagem é de grande importância, pois é a primeira a registrar suas experiências em um diário.

---

<sup>5</sup> Na mitologia grega Cáron é o responsável entre a travessia dos rios Estige e Aqueronte que separam o mundo dos vivos do submundo, governado por Hades. Para ter acesso ao barco de Cáron, o morto deveria pagar com uma moeda pela travessia. Nos rituais de enterramento colocava-se uma moeda na boca do morto para o sepultamento, a fim de garantir o pagamento de Cáron. Por isso, muitos navegantes acreditavam que ao colocar uma moeda em baixo do mastro principal de uma embarcação, no caso de naufrágio o pagamento feito para Cáron estaria garantido para todos.

<sup>6</sup> Coelhos a bordo roíam as madeiras do navio, podendo causar naufrágios. Por isso, até mesmo a menção do nome do animal era abominada.

<sup>7</sup> Nome também grafado como Jeanne Barré



Seus escritos recebem uma linguagem epistolar, que deveria ser encaminhada para uma amiga e prima, Caroline de Nanteuil, na França. A coletânea de cartas apresenta uma lacuna entre 23 de outubro de 1818 a 18 de outubro de 1819 que é preenchida pelas cartas à mãe de Rose de Freycinet. Por isso, sua escrita apresenta seus sentimentos e pensamentos mais francos.


A obra de Freycinet é singular, pois não segue os mesmos parâmetros de muitos outros relatos de viagem produzidos por viajantes desde o século XVI, que em grande parte foram encomendados por governantes. Ainda assim, podemos ter esses relatos como monumentos da cultura, pois foram instrumentos utilizados para transmissões de experiências vividas por seus autores e a maneira pela qual os mesmos interpretaram suas relações com o mundo ao seu redor. Nesse sentido, devemos perceber a escrita dessas experiências conforme a proposta de Walter Benjamin:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.

(BENJAMIN, 1987, p.235)

A relação apresentada por Benjamin entre monumento da cultura e monumento da barbárie também se faz presente ao compararmos o relato de Rose de Freycinet e dos viajantes homens de sua época. Se por um lado, ambos têm a função cultural de informar aos seus leitores os fatos cotidianos, por outro lado isso não ocorre com neutralidade. Os relatos produzidos pelos homens representantes dos Estados europeus são parciais e conduzem o modo de pensar de seus leitores, podendo se transformar em um aparelho manipulador em benefício de um governante.

Ao propormos a análise da vivência de uma mulher francesa no Rio de Janeiro nos últimos anos que precederam a independência do Brasil, escovamos a história a contrapelo. Deixamos de lado os discursos dos oficiais, de homens escritores de relatos de viagem por ofício e olhamos por baixo dos “pelos” da história, através do olhar feminino que, assim como também menciona Benjamin, pode evidenciar muitas informações sobre as relações sociais nos trópicos oitocentistas.



Além disso, ao lermos a escrita da viajante, conseguimos nos aproximar da compreensão sobre as relações mais íntimas no período histórico vivido por ela, pois, nas palavras de Freyre:

“No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos. Isto, é claro, quando se consegue penetrar na intimidade mesma do passado; surpreendê-lo nas suas verdadeiras tendências, no seu à-vontade caseiro, nas suas expressões mais sinceras.” (FREYRE, 1950, p. 37)

Outra importância que se destaca ao diário é o fato de ter sido escrito por uma mulher. Afinal, segundo Freyre, há a dificuldade de encontrarmos diários ou quaisquer escritos de mulheres.

“O que não é fácil em países como o Brasil; aqui o confessor absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente nas mulheres, essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso de história íntima de tantos diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos. Creio que não há no Brasil um só diário escrito por mulher. Nossas avós, tantas delas analfabetas, mesmo quando baronesas e viscondessas, satisfaziam-se em contar os segredos ao padre confessor e à mucama de estimação; e a sua tagarelice dissolveu-se quase toda nas conversas com as pretas boceteiras, nas tardes de chuva ou nos meios-dias quentes, morosos.” (FREYRE, 1950, p. 37)

As histórias íntimas narradas no diário de viagem de Freycinet foram publicadas<sup>8</sup> pela primeira vez, sob o título *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet d'après le Manuscrit Original Accompagné de Notes par Charles Duplomb Directeur*

---

<sup>8</sup> Antes de serem publicadas em forma de diário, as cartas foram conservadas por sua destinatária, Caroline Nanteuil, em seus arquivos de família. Porém, em 1910, a baronesa de Retours, neta de Caroline as entrega ao sobrinho de Rose de Freycinet. Este, cedendo aos estudiosos e ansiosos por um complemento de documentação aos oficiais do naufrágio do *L'Uranie*, confia os manuscritos que fazem parte da publicação.

*Honoraire au Ministère de la Marine*<sup>9</sup> (Diário de Madame Rose de Saulces de Freycinet segundo o Manuscrito Original Acompanhado de Notas por Charles Duplomb - Diretor Honorário do Ministério da Marinha), em 1927 pela *Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales*.

A percepção dos sentimentos experimentados por Madame de Freycinet em sua viagem é uma marca nítida na escrita da viajante. Na introdução da primeira edição, Charles Duplomb ressalta que: “O jornal de M<sup>me</sup> Rose de Saulces de Freycinet[...] é um diário, escrito dia a dia, sem nenhuma pretensão de estilo, no qual ela deixa o seguinte: ‘apostar seu coração sem pensar em mais nada’”. Além disso, basta uma passada de olhos no início do texto para que o leitor também se sinta confiante de Rose, pois ela nos diz ao final da primeira página:

“Isto é só para você, [...], “amável e querida amiga, eu quero escrever este diário. Acho divertido de fazê-lo, uma vez que é uma coisa que você me pediu e vai ser bom [...] só você há por mim a indulgência necessária para perdoar um estilo difuso e muitas vezes incorreto.”

A partir da leitura do diário da viajante francesa, este trabalho tem como objetivo analisar a perspectiva da mulher viajante sobre hábitos dos membros da corte de D. João VI no Rio de Janeiro, em especial o cotidiano das mulheres na capital portuguesa dos Trópicos, além de suas descrições sobre a geografia local.

### **A Capital Portuguesa dos Trópicos por Rose de Freycinet**

A viagem ao redor do mundo, que durou três anos, teve uma passagem inesperada pelo Rio de Janeiro. Segundo Freycinet, "Ao sair de Tenerife, a intenção de Louis era ir ao Cabo; mas sendo levado para o oeste, e tendo se atrasado em Toulon e no Mediterrâneo, ele resolveu modificar o plano da campanha. Essa alteração atrasou nosso retorno à França por 8 meses." (DUPLOMB, 1927, p. 9)

---

<sup>9</sup> Em 2013, foi traduzido em língua portuguesa por Rosa Alice Mosimann

É pelos fortes ventos soprados em direção a oeste que a tripulação de *L'Uranie* tem a oportunidade de passar e conhecer o Rio de Janeiro. É sobre essa passagem que nos debruçaremos, a fim de analisar e perceber a vida da Corte Portuguesa dos Trópicos pelo olhar de uma francesa.

Assim, este trabalho tem como enfoque principal o Capítulo II<sup>10</sup> do *Diário de Madame Rose de Saulces de Freycinet segundo o Manuscrito Original Acompanhado de Notas por Charles Duplomb* no qual ela relata seus dias no Rio de Janeiro; homenagens públicas durante a passagem do rei; um passeio no Rio de Janeiro; as mulheres portuguesas<sup>11</sup>; uma cerimônia na igreja; o jardim botânico; a cultura do chá; e uma visita ao rei.

É logo no início das cartas de Rose de Freycinet que observamos algumas questões relacionadas aos portugueses e ao julgamento feito por ela sobre a falta de mérito desse povo em colonizar e administrar a nação. É nas palavras dela que vem a seguinte afirmação: “É uma pena que tão belo país não seja cultivado por uma nação ativa e inteligente” (DUPLOMB, 1927, p. 10). Além de desclassificar os portugueses, ela também deprecia a cultura de opulência comum entre os mais ricos da corte nos trópicos. Também é provável que boa parte das críticas feitas por ela seja em virtude das péssimas condições sanitárias e urbanísticas que marcavam a vida cotidiana dos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de ser severa em suas observações sobre a população que administrava e habitava a região, Madame Freycinet nos faz saber que: “Durante nossa estadia no Rio, nós não vimos nenhuma família portuguesa. Louis estava bem dedicado aos seus trabalhos e o pouco tempo que ele tinha foi consagrado a ver nossos compatriotas.” (DUPLOMB, 1927, p. 16). O tempo dedicado a outros franceses que viviam no Rio de Janeiro também é explicado por ela a partir da seguinte justificativa: “Quando estamos

---


<sup>10</sup> No original:

CHAPITRE II

RIO DE JANEIRO

SÉJOUR A RIO DE JANEIRO. — HOMMAGES PUBLICS RENDUS SUR LE PASSAGE DU ROI. — UNE PROMENADE DANS LES ENVIRONS DE RIO. — LES DAMES PORTUGAISES. — UNE CÉRÉMONIE A L'ÉGLISE. — LE JARDIN BOTANIQUE. — LA CULTURE DU THÉ. — UNE VISITE AU ROI

<sup>11</sup> Quando Rose de Freycinet chegou ao Rio de Janeiro, a cidade era a capital portuguesa e o Brasil era reino unido a Portugal. Por isso, não podemos afirmar se as críticas contidas em seu texto foram feitas às portuguesas europeias ou às nascidas nos trópicos.



em um país estrangeiro, sentimos uma grande satisfação de ver compatriotas” (DUPLOMB, 1927, p. 11).


Essa não relação com o outro já mostra o desinteresse por esse outro e apresenta um pouco da condição da mulher do século XIX a qual aparenta ser corajosa e reacionária. Porém, apenas aparenta, pois, no fundo, apresenta um comportamento de obediência e desinteresse pelas descobertas. Ou seja, o contato com esse outro não desperta curiosidade ou se faz importante para ela. Afinal, devemos lembrar que o maior interesse da viajante era o de estar na companhia de seu marido. Toda a sua ousadia de entrar para a tripulação disfarçada de marinheiro se deu por uma atitude de amor ao companheiro. Qualquer outro tipo de conhecimento e/ou descoberta gerados pela viagem podem ser considerados, em parte, por nós uma fissura dentro de uma estrutura de relações sociais onde a mulher, no contexto do início do século XIX, na maioria das vezes, se colocava como submissa em relação ao homem.

De qualquer forma, é com esse distanciamento dos portugueses e das portuguesas que a viajante expõe o que viu, viveu e ouviu no Rio de Janeiro e nos faz conhecer alguns hábitos e costumes da população local. Em seus registros há sempre a preocupação de apontar que muito do que ela irá narrar foi contado por outros ou ela ouviu dizer como, por exemplo, na passagem a seguir:

“Eu não posso falar por mim mesma sobre os costumes portugueses, pois não tive nenhum convívio com uma família. Mas já ouvi o suficiente para pensar que eles não me agradam. Seus hábitos parecem estranhos e até mesmo desagradáveis. A imundície é geral e chega à altura dos Fidalgos (nobres). Citaram-me vinte exemplos a esse respeito: vou relatar dois.  
Uma nobre dama portuguesa, que tinha uma governanta francesa, esteve a ponto de demiti-la porque ela a ofereceu uma bacia para lavar as mãos. Ela lhe repreendeu com muita rispidez, pois uma senhora de sua classe não precisava lavar suas mãos, porque não tocava em nada que fosse sujo, e que apenas pobres e serviçais precisavam se lavar.” (DUPLOMB, 1927, p. 17)

Mesmo não tendo o conhecimento de quem viu com os próprios olhos e ficando em um entre-lugar de "ver com os próprios olhos" e "ver com os olhos de outrem", Rose de Freycinet traz marcas de uma população e consegue fazer julgamento de valores a partir do que viu ou ouviu. E, nesse último caso, o que é percebido pelos "olhos do outro" não é colocado em dúvida.





De qualquer forma, não nos cabe aqui questionar ou falar sobre a realidade dos fatos, pois a escrita, a memória e a imaginação já compõem a “realidade” que cada viajante retrata a partir do que entende como sendo essa realidade. Talvez seja por isso que muitos outros viajantes falem sobre alguns mesmos hábitos. No que concerne à higiene pessoal, por exemplo, Del Priore afirma:

“Hábitos de higiene, hoje associados ao prazer físico, eram inexistentes. Entre os habitantes da América portuguesa, a sujeira esteve mais presente do que a limpeza. E isso, durante séculos. O viajante inglês John Luccock, no início do século XIX, ainda afirmava que as abluções frequentes não eram ‘nada apreciadas pelos homens. Os pés são em geral a parte mais limpa das pessoas. Os rostos, mãos, braços, peitos e pernas que, todos eles andavam muitos expostos em ambos os sexos, raramente recebem a bênção de uma lavada [...]’” (DEL PRIORE, 2011, p.20)


Ler ou até mesmo “ouvir dizer” são ações que compõem a formação de um imaginário sobre o outro. Em sua estadia no Rio de Janeiro, Rose de Freycinet conviveu muito tempo com as esposas de outros estrangeiros que auxiliavam Louis Claude de Freycinet em seu trabalho. Esse convívio também pode ter sido um fator importante para a formação da opinião da viajante acerca dos portugueses dos trópicos.

As experiências que tivera na companhia de outras estrangeiras no Rio de Janeiro aparecem na narrativa de Freycinet como momentos de visitas sociais. Em uma dessas ocasiões, a viajante narra uma situação considerada por ela cômica:

[...] nós nos reunimos com a família Sumter e vários dos seus amigos por volta das 5 da manhã. Todas as mulheres estavam sentadas em uma grande carruagem puxada por oito mulas, enquanto os homens viajavam em cavalos ou em carroças. As estradas eram cheias de buracos e estávamos sob uma forte chuva, sendo forçados a deixar a estrada principal e seguir um caminho que nos levava pela floresta. Nós saímos de nossa carruagem para não cansar muito as mulas, que nos levariam de volta à cidade na mesma noite. Mulas e cavalos selados nos esperavam, mas parte das mulheres preferiram andar a pé e eu segui o exemplo delas. Em alguns momentos, nós quase machucamos nossas costas; nós afundamos na lama até nosso tornozelo. Quem nos divertia periodicamente era uma pequena pessoa, a esposa do embaixador da Holanda, sobre quem eu preciso dizer algumas palavras.

[...] Grande surpresa tivemos quando a vimos vestida com um vestido oriental, bordado a mão com corpete sem saia [...] e com diversos babados! Apesar dela ter sido avisada que nós iríamos caminhar na floresta que é sempre úmida, ela estava vestindo sapatos de seda.

Foi cômico vê-la atravessar a lama. Os sapatos acabaram ficando na água e precisou ser carregada no lombo do cavalo; o vestido bordado era preto até os



joelhos, como era de costume de sua vestimenta. Quando dissemos a ela o quanto era triste vemo-la nessa situação, ela respondeu que ela não se importava, que receberia outro vestido de Paris. Felizmente para mim, eu não estava vestida como ela; Eu nunca teria desperdiçado tanto dinheiro com essas bugigangas ( ela nos assegurou que só o vestido dela tinha custado 600 francos, sem contar com o restante de suas vestes). (DUPLOMB, 1927, p. 15)


Em uma primeira leitura, a experiência descrita pela viajante pode nos remeter a um momento de implicância dela com a esposa do embaixador holandês. Entretanto, se fizermos uma análise a contrapelo<sup>12</sup> desse trecho, Freycinet nos revela muitas informações sobre o Rio de Janeiro. Primeiramente, ela destaca o meio de transporte utilizado na época, apresentando informações de como se locomoveram em uma viagem para uma região no entorno da cidade. Ela descreve o uso das carruagens puxadas por mulas, a possibilidade de cavalgar e também o uso de carroças.

A viajante ressaltou as condições das estradas, muito esburacadas e sem pavimentação adequada para seguir viagem em dias chuvosos, tanto que optaram por passar por meio da floresta. Até mesmo quando descreveu com detalhes o vestido que era usado pela esposa do embaixador da Holanda, Freycinet nos dá indícios sobre a moda que era utilizada pelas senhoras europeias que viviam nos trópicos. O uso de vestido oriental com sapatos de seda também nos aponta relações comerciais que ocorriam nas casas de comércio do Rio de Janeiro, pois “ela respondeu que ela não se importava, que receberia outro vestido de Paris”. A própria informação sobre o preço do vestido estragado pela lama, que custara em torno de 600 francos, também nos faz perceber que, no Rio de Janeiro, também se formava um mercado de luxo.

Sem dúvida, a mais simples informação que temos no trecho citado anteriormente é a mais importante para constatar que outras nações reconheciam o Rio de Janeiro como capital do reino português e, como consequência disso, o território brasileiro como extensão do reino. O próprio fato de a viajante conviver com o embaixador holandês já é uma marca desse reconhecimento da legitimidade do Rio de Janeiro como uma “capital europeia” em 1817.

---

<sup>12</sup> A perspectiva da história a contrapelo propõe a busca de evidências históricas no interdito e também no não dito. Deixar de lado o óbvio e o discurso oficial para encontrar na fonte histórica evidências sobre os “excluídos da história”.



Outro aspecto importante destacado por Madame Freycinet é a influência da religião nos costumes da população. Segundo ela,


“Nas residências que frequentei no Rio, não tive a oportunidade de conhecer as portuguesas. Elas só poderiam sair de casa para irem à igreja, o que possibilitava a oportunidade de estarem nas festividades quase todos os dias, especialmente à noite. As mulheres colocavam seus trajés de acordo com a ocasião.” (DUPLOMB, 1927, p. 17)

Mesmo já sendo uma capital de grande importância política e econômica, a cidade do Rio de Janeiro não contava com muitas formas de entretenimento para a população. Restavam apenas as tradições católicas como forma de convívio social entre os moradores da cidade. Por isso, Quintão afirma que:

“A religião era o núcleo de convivência da sociedade. Festas, procissões e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social e quebravam a monotonia da vida diária, sendo muitas vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e divertir.” (QUINTÃO, 2002, p. 52)

Essa forma de convívio é tão importante para os moradores e para os visitantes da cidade que comungam do catolicismo que não ficou de fora das observações da viajante. É com olhar atento e ouvidos apurados que Rose de Freycinet descreve uma das cerimônias religiosas assistidas por ela. A cena a seguir faz com que a visitante fique em estado de êxtase e se sinta transportada ao paraíso.

“Depois de duas ou três orações bem recitadas, eu pensei que a cerimônia tivesse terminado. Estava prestes a sair do local quando fui surpreendida por uma extraordinária cena, enquanto isso, vozes que pareciam terem vindo do céu ecoavam em meus ouvidos. Pareciam tão puras e dentre elas havia uma que parecia tão celestial, que eu não conseguia compreender como seria possível. Aquelas vozes, tão doces e melódicas para pertencer a homens, era viril e tinha o vigor que não eram característicos das vozes das mulheres. Eu estava sendo levada. Eu me sentia transportada ao paraíso entre os anjos e pela glória de um ser supremo. E eu permaneceria em um longo estado de êxtase, se o canto não tivesse dado lugar às novas orações. Então, eu pensei em perguntar a alguém de onde aquelas vozes emanavam. A resposta traçada em meu espírito conjurou uma crueldade que eu jamais poderia ter imaginado antes desse dia.” (DUPLOMB, 1927, p. 17-18)



As orações que deram lugar as vozes parecidas com vozes de anjos e que faziam a viajante querer permanecer naquele local por um longo tempo também denunciam atos que, no início do século XIX, já tinham perdido a popularidade na Europa. As vozes que tanto chamaram a atenção de Madame de Freycinet eram sem dúvida a dos *castrati*<sup>13</sup>.

Segundo Carvalho (2002), para haver um melhor desempenho no desenvolvimento do canto, era comum a castração de crianças com idade entre sete e doze anos. Assim, elas “conservavam a extensão da voz infantil (cuja tessitura é quase idêntica a das vozes femininas de soprano, mezzo-soprano e contralto) apoiada em pulmões masculinos adultos, com emissão poderosa, ágil e penetrante.” (CARVALHO; 2002, pág. 69). É importante ressaltar que as castrações de crianças ocorriam principalmente porque não era permitido que mulheres cantassem. Sendo assim,

“A prática da castração esteve muito presente na história social do Homem. Foi utilizada por diferentes culturas da antiguidade e não causou estranhamento para a sociedade europeia no século XVI, quando foi introduzida com finalidade exclusivamente musical principalmente na região do Mediterrâneo. Com as mulheres proibidas de cantar pela Igreja; os meninos mudando de voz e gerando um problema constante para as igrejas na busca de jovens para o coro; e as vozes dos falsetistas não possuindo a extensão necessária para cantar a voz do soprano; a utilização de castrati foi uma solução bastante apreciada” (FERNANDES, 2012, p. 2)


A perfeição encontrada no timbre dos castrados, segundo Roland Candé (1980, pág. 43), conseguia reunir potência e leveza, sendo eles capazes de sustentar num fio de voz longas notas sem respirar, emitindo perfeitamente, tanto sons de uma infinita suavidade, como terríveis sons de timbre metálico.

Retomando a experiência da viajante, percebemos que todas as vozes parecidas com as de anjos que surpreenderam a visitante perdem todo o encanto quando são contextualizadas e explicadas de que forma se chega à perfeição do timbre vocal.

As cartas de Rose de Freycinet não servem apenas para chamar a atenção de práticas cotidianas consideradas por nós, no tempo presente, como práticas cruéis. Elas também dão suporte a um estudo que possibilita analisar a história íntima do convívio

---

<sup>13</sup> Termo em italiano que significa castrados.



social entre os estrangeiros que circularam na cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX.

Sem ter a pretensão de seguir parâmetros de escrita convencionados como a forma ideal do registro de viagens como temos nos relatos científicos - pois ela escrevia unicamente para sua amiga e prima, sem ter o interesse de atingir outros leitores - , a viajante, mesmo não tendo também a preocupação com a observação e registro de tudo que poderia servir para riqueza e para outros interesses, registrou em suas cartas pessoais notas e lembranças que apenas obedecem à temporalidade da própria escrita das cartas e ao ritmo da rotina da viagem. Mas, ainda assim, em um material tão pessoal, é a partir da sua publicação que nós leitores conseguimos ver suas correspondências como fonte histórica a fornecer elementos para o conhecimento dos hábitos e dos costumes de uma capital europeia dos trópicos no início do século XIX.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDÉ, Roland de, *O Convite à Música*, tradução de Mário Mendonça Torres, Lisboa, editora Ltda, 1980.

CARVALHO, Virgílio Medeiros de, *Canto Lírico: Breve Ensaio e Fundamentos*, Rio de Janeiro, ANM, 2002.


DEL PRIORI, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DUPLOMB, Charles. *Journal de Madame Rose de Saulces de Freycinet – D’après le manuscrit original*. Paris: Société d’éditions géographiques, maritimes et coloniales, 1927.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 1 e 2 Tomos. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961.

\_\_\_\_\_. *Casa Grande e Senzala*. Volume 2. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1950.

PERROT, Michelle. *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. 4 Volume. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (Século XVIII)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.